

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

RAP INDÍGENA: UMA ANÁLISE SOBRE O GÊNERO E SUA LEGITIMAÇÃO

GABRIEL MARTINS RIBEIRO¹, GRAZIELA ROCHA REGHINI RAMOS², STEFANIE
FERNANDA PISTONI DELLA ROSA³

¹ Estudante de curso Técnico em Mecânica Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus Hortolândia, martins.gabriel2@aluno.ifsp.edu.br.

² Docente EBTT, Campus Hortolândia, graziela.amos@ifsp.edu.br.

³ Docente EBTT, Campus Hortolândia, stefanie@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.00.00.00-2 Linguística, Letras e Artes

RESUMO: O presente trabalho, ainda em execução, analisa parte do repertório de um estilo musical em ascensão, o rap indígena. Investiga como a questão do pertencimento, da cultura e da identidade indígena encontram-se presentes nas músicas de *rappers* de diferentes grupos étnicos, configurando-se tais composições também como literatura indígena. Explora ainda como tem sido a recepção do rap indígena pela população em geral a partir dos comentários realizados em entrevistas e vídeos divulgados na Internet, legitimando ou deslegitimando o gênero musical rap quando explorado pelos povos indígenas. Dessa forma, torna-se relevante por analisar, a partir de uma perspectiva sociolinguística, a importância da apropriação do gênero musical rap pelos povos originários do Brasil como parte de sua literatura, aprofundando a compreensão sobre as temáticas trazidas no repertório musical e sua relação com a língua, a cultura e a identidade de seus autores, contribuindo para ações antirracistas e de reconhecimento e respeito da diversidade étnica em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: rap; literatura; povos originários; (des)legitimação social.

INDIGENOUS RAP: AN ANALYSIS OF THE GENRE AND ITS LEGITIMATION

ABSTRACT: The ongoing work analyzes segments of the repertoire of an emerging musical style: Indigenous rap. The research investigates how aspects related to belonging, culture and Indigenous identity are represented in the songs by rappers from different ethnic groups, which can also be considered as Indigenous literature. It explores how Indigenous rap has been received by the audience according to comments both in interviews and posted on videos on the Internet, either legitimizing or delegitimizing rap genre performed by Indigenous groups. Hence, it is necessary to analyze, from a sociolinguistic perspective, the significance of the appropriation of the rap genre by Indigenous groups from Brazil as part of their literature, deepening the understanding of the themes present in their repertoire and their relation to language, culture and the authors' identity. The study also aims to contribute to antiracist attitudes and to the recognition and respect of ethnic diversity in the Brazilian context.

KEYWORDS: rap; literature, Indigenous people, social (de)legitimation.

INTRODUÇÃO

A oralidade sempre foi o principal meio de transmissão da cultura indígena, obrigando, segundo Mundurucu (2018), o exercício da memória pelas gerações. É inegável, no entanto, que, devido ao contato com os não-indígenas e a consequente violência sofrida pelos povos nativos no Brasil, parte dessa "Memória Ancestral" foi perdida. Dessa maneira, os diferentes povos têm utilizado também outra ferramenta para a preservação de seus conhecimentos e de sua cultura em geral: a escrita.

Apesar de muitas vezes a aquisição de novos hábitos e costumes ser vista como perda de identidade étnica, a experiência literária escrita pelos povos originários tem demonstrado o contrário, tornando-se um importante meio de propagação da cultura indígena.

A complementação entre oralidade e escrita bem como a utilização de novas tecnologias pela memória como meio de se manter viva encontram espaço fecundo em um gênero musical bastante conhecido: o rap. Queiroz (2023) afirma que os raps costumam combinar enunciador e narrador, carregando aspectos próprios da vida e experiências para a música, o que aumenta seu impacto e pessoalidade. Dessa forma, é compreensível que uma das formas de expressão escolhidas pelos povos indígenas, em especial os jovens, seja o rap, tornando-se relevante compreender a importância do rap como meio de expressão e literatura; aprofundar conhecimentos sobre os principais temas tratados pela literatura indígena; analisar a construção dos raps indígenas e a abordagem de temas sociais e políticos concernentes aos povos originários do Brasil; investigar como as produções musicais são divulgadas pelos povos indígenas na Internet e como se dá a recepção do gênero pelos internautas.

MATERIAL E MÉTODOS

Nesta pesquisa foi adotada uma abordagem qualitativa, visto que tem por objetivo compreender a importância da apropriação pelos povos indígenas do gênero musical rap como meio de divulgação cultural, política e social das diferentes etnias e a recepção do gênero pela população não-indígena a partir de comentários nas mídias sociais de divulgação. De acordo com De Grande (2011, p.16),

(...) a relação direta do pesquisador com o contexto pesquisado, a assunção de que o fazer ciência não é neutro e a busca de confiabilidade na pesquisa a partir de dados variados, relacionados e contrastados entre si, fazem com que o paradigma qualitativo seja a opção privilegiada do pesquisador que pretende compreender uma realidade social em sua complexidade.

Para o seu desenvolvimento, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico com o objetivo de compreender o conceito e a história do rap, o desenvolvimento da literatura indígena e os aspectos da legitimação textual em uma perspectiva sociointeracionista. Em seguida, foram selecionados raps de diferentes etnias indígenas que tenham sido divulgados no YouTube com a possibilidade de postagem de comentários pelos internautas.

Na atual etapa da pesquisa, os raps e comentários dos internautas selecionados estão sendo analisados com o objetivo de examinar os propósitos dos textos e suas características, considerando as semelhanças e diferenças em relação a outras produções literárias indígenas, bem como a interação entre seus emissores e receptores, aprofundando-se os conhecimentos sociolinguísticos sobre legitimação textual.

Para ilustrar este estudo, foi selecionado o rap “O índio é forte” (2018), interpretado e divulgado pelo grupo Oz Guarani na plataforma YouTube, e alguns comentários de Internautas no vídeo de exibição. Por se tratar de um estudo qualitativo, entende-se que a quantidade de textos selecionados não impacta em sua análise, uma vez que, conforme afirmam Silveira e Córdova (2009), a pesquisa qualitativa tem como seus principais objetivos descrever, compreender e explicar seu objeto de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para as comunidades indígenas, que se mantiveram como sociedades ágrafas durante séculos, a tradição oral sempre foi o principal meio de transmissão da cultura, sendo a memória, portanto, conforme aponta Munduruku (2018), essencial ao processo. No entanto, com a colonização e a violência cultural sofrida pelos povos originários, novas ferramentas precisaram ser incorporadas à rotina, em especial a escrita, que assumiu uma concepção, segundo Scaramuzzi (2008, p. 47), “como forma de expressão capaz de produzir, transmitir e armazenar os conhecimentos indígenas sem modificá-los [...]”, especialmente dentro do ambiente escolar indígena, sendo utilizada para transmitir conhecimentos e experiências históricas que antes eram transmitidas somente pela oralidade.

Assim, a literatura escrita assumiu papel de grande relevância dentro do ambiente escolar indígena, mas também fora dele, como meio de propagação da cultura de diferentes etnias também aos não-indígenas, contribuindo para um melhor letramento étnico e racial em nosso país, o que foi incentivado pela lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008) ao tornar obrigatório o estudo da história e da cultura indígena e afro-brasileira no ensino básico.

Munduruku (2018) destaca que a escrita deve ser vista como uma ferramenta complementar à tradição oral e não como uma substituição da memória. A complementação entre oralidade e escrita

descrita pelo autor compõe o que Silva (2017, p. 14) nomeia como “toda uma estrutura de resistências dos povos que sobreviveram ao processo de homogeneização promovido pela colonização, e que ainda hoje lutam pela manutenção de suas terras, saberes e línguas.”, assim como a utilização de outras novas tecnologias pela memória como meio de se manter viva. Conforme Dorrico (2017, p.117), tais instrumentos se tornam poderosos por possibilitarem a visibilidade “do indígena e de suas formas de manifestação, de autoafirmação ontológica, política, epistemológica, cultural etc., e de luta a partir desse simbolismo” aos não-indígenas.

O que se evidencia, portanto, é a importância da autoria indígena na literatura, seja individual ou coletiva, a qual permite, segundo Dorrico (2017), que seus representantes expressem sua estética ao mesmo tempo que denunciam agressões epistêmicas, políticas e simbólicas ao utilizarem tecnologias digitais para a promoção da valorização de suas memórias e ancestralidades.

Queiroz (2023) aponta como uma característica exclusiva do Rap a indissociabilidade entre o relato realizado na música e o reflexo da vida do rapper. Assim, a possibilidade de combinar enunciador e narrador, além de aspectos de vida e experiências, faz com que o rap se torne uma importante forma de expressão escolhida por membros de comunidades indígenas, em especial os jovens, já que, conforme afirma Silva (2017, p. 33),

[...], sendo já reconhecido como uma veia de expressão das juventudes das periferias do mundo, o Rap é, sem dúvida, uma das formas mais contemporâneas de se comunicar poeticamente. Essa característica reforça ainda mais o fato de que os MC's rompem com as imagens cristalizadas sobre indígenas, mostrando que existe toda uma experiência contemporânea de atualização da tradição que ocorre por meio das performances: os indígenas são sujeitos atuantes na sociedade atual, e, mais do que isso, se constituem como agentes de suas próprias culturas. Dentre tantos fatores, o que se destaca da produção dos grupos, é a forma como seu Rap renova o leque de produções de realizadores indígenas conhecidas até hoje.

No rap *O índio é forte*, do grupo Oz Guarani, de etnia Guarani M'bya, um dos primeiros grupos de rap formados por indígenas do estado de São Paulo, percebemos inicialmente a autoidentificação dos intérpretes como indígenas Guarani M'bya, da aldeia Jaraguá, que se mantêm em constante resistência, sempre de forma coletiva:

Os mano firmeza já vêm chegando/Salve, salve, no corre, na correria/Pode pá, é nós que tá/Pode crer, estamos aqui no ar/Representando no Rap/O dia a dia de batalha do índio guerreiro/Atrás da paz, verdade, anheite [verdade]/Com a fé de Deus na mente/M'Bya kuery [O indígena] não desiste/Direto da Aldeia Jaraguá/Na resposta pra somá/A nossa voz está no ar/Aqui mais um rapaz, humilde sobrevivente/Eu manjo mesmo no som, a minha rima está aqui/No meu rap eu vou seguindo meu caminho/Até o fim, muitas vezes já cai/Meus parceiros me levantam, me levanto e mais forte fico (O ÍNDIO É FORTE, 2018)

Segundo Bourdieu (1991), para que uma expressão performática seja efetiva, faz-se necessária a adequação do orador, de sua função social e do discurso pronunciado. Assim, essa marcação étnica é bastante importante na construção do gênero textual, uma vez que destaca que os enunciadore s têm autoridade para discutirem os temas que serão abordados na letra por se constituírem efetivamente como sujeitos indígenas. O tema da demarcação de terras, reivindicação principal do rap em análise, aparece logo em seguida na letra: “Assim que é truta, no mundão a batalha é que não falta/O meu coração bate forte na missão de conseguir demarcação/Pois então, eu num quero desandar/Acredito no que sou, em cima vou rimando, vou gritando/Chega de corrupção.”.

O artigo 231 do Capítulo VIII da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988 (BRASIL, 1988), aponta que os povos indígenas têm o direito às terras que tradicionalmente ocupam, sendo a União responsável por demarcá-las, no entanto, ainda hoje, muitos povos tradicionais continuam reivindicando a efetivação de seus direitos. Especificamente sobre as terras indígenas Jaraguá, os

processos de demarcação foram reiniciados no final de 2024, segundo a Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal¹, mas estavam parados desde 2018.

Ainda como forma de intensificar sua autoridade como representantes indígenas Guarani M'bya para a reivindicação de demarcação de terras, a música passa a trazer diversos trechos na língua nativa. É interessante notar que, de maneira geral, tais fragmentos não apresentam uma tradução no decorrer da música cantada, mas é possível conhecer o significado do que está sendo dito a partir da divulgação realizada pelos próprios rappers na legenda do vídeo no YouTube, uma vez que a tradução é apresentada entre colchetes:

Xondaros [guerreiros], guerreiros, herdeiros da aldeia, sou índio Guarani/Eu rimo e vou mandando em Guarani, escuta aí:/Kunimin Gué Kunha Taingué kyri guei Py tu nhavó jerekoike [os jovens e as crianças toda noite entram na casa de reza]/Opy ojerojy mborai omonhendu tataxinare ko haxy'i/Pavé hapotei omombey [Fazem sua dança e pedem força para todos os parentes]/Morô.../Nóis tá de pé, firme e forte assim que é/Se liga na fita é Hip Hop Guarani nessa quebrada/Oz Guarani chegou, Tekoa [aldeia] representou,/Satisfação total/Yvy kaguy yy opa'mbaé [a terra, a natureza e outras coisas] que é natural/Orembaé Xondaro kuery rovae orereko'ma roxauka [Nossos jovens guerreiros chegaram mostrando nosso modo de vida]/Um dia de sol, na zona oeste, Jaraguá, Tekoa/Os mano e as mina no campo jogando bola/A criança brincando, com o sorriso no rosto/Sendo feliz, assim que é, no meu olhar/Xerexa'py aexá tekoa [No meu olhar eu vejo] é bom lugar/Mas então por que não demarcar? (O ÍNDIO É FORTE, 2018)

As sentenças proferidas em língua materna na música apresentam um pouco do cotidiano dessa comunidade e sua relação com o espaço em que vivem. Assim, é citada a casa de reza e os ritos da etnia em questão, bem como a aldeia situada em meio à natureza. Ao mesmo tempo, utilizando o português, os rappers descrevem atividades diárias das crianças, como brincar e jogar bola, apontando a Tekoa [aldeia] como lar, como um bom lugar para a comunidade, e então questionando: “Mas então por que não demarcar?”.

Na parte final da música, os rappers destacam que continuarão sua luta, que são fortes e guerreiros, reforçando, assim, a resistência indígena, apesar do abandono de nossos governantes e a destruição causada à natureza pelos não-indígenas, e utilizando a língua indígena guarani para realçar sua identidade:

O índio é forte e sobrevive jogado à própria sorte (2x)/Como pode, sem terra pra morar, sem rio para pescar/O Juruá [não indígena] desmata a mata e mata os M'bya [indígenas]/Mas Wera MC e Oz Guarani/Não cansa de lutar, e seguiremos assim até a morte/O índio é forte/Tekoa'pyma oiko petei xondaro [na aldeia vive um guerreiro]/Pytu nhavó omaé jaxy tatere [toda noite olha as estrelas]/Pavé Japorai nhanderu ete'pe [vamos rezar todos juntos]/A luta não para, a luta não para/Tekoa'pyma oiko petei xondaro [na aldeia vive um guerreiro]/Pytu nhavó omaé jaxy tatere [toda noite olha as estrelas]/Pavé Japorai nhanderu ete'pe [vamos rezar todos juntos]/A luta não para, a luta não para. (O ÍNDIO É FORTE, 2018)

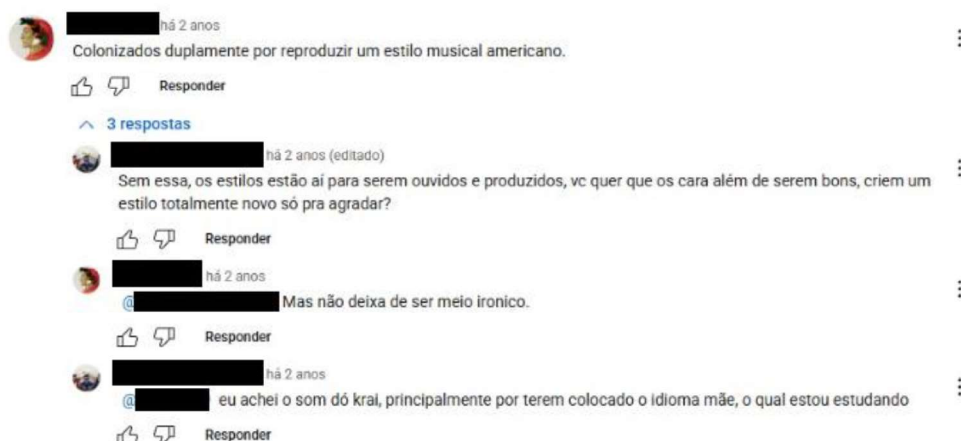
Falcone (2008) explica que a legitimação, bem como o texto, não é um produto acabado, caracterizando-se tal qual um processo concretizado apenas na situação de interação autor-leitor, ou seja, na existência de um vínculo socio-interativo em que os dois são sujeitos na construção de sentidos, já que é na ação da leitura que os sentidos são construídos. Tal fato é reforçado por Bentes (2017, p. 103) ao afirmar que os textos agem como formas de atuação na vida social e que se encontram repletos de demandas para que sejam compreendidos e aceitos (ou não) os conhecimentos e as expectativas concebidos sobre seus referentes e temáticas.

O vídeo de divulgação do rap (figura 1) em questão apresenta 312 comentários até o momento, sendo a grande maioria destinado a parabenizar o grupo, sua música e sua luta. No entanto, há dois

¹ Reportagem disponível em <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/10/governo-federal-avanca-na-demarcacao-de-sete-terras-indigenas-em-sao-paulo>. Acesso em 16 ago. 2025.

comentários que exaltam que o grupo deveria cantar mais na língua indígena, possivelmente pela influência de uma visão em que o indígena somente pode ser considerado autêntico se mantiver a língua materna de sua etnia. Com uma concepção semelhante, há um comentário mais ofensivo, o qual gerou uma breve discussão com outros internautas, que aponta a dupla colonização do grupo por ter escolhido um estilo musical americano:

FIGURA 1. Comentário principal sobre a utilização do rap como resultado da colonização indígena e seus desdobramentos.



Sobre esse imaginário da sociedade não indígena em relação à pureza como índice de autenticidade de sua identidade étnica, Nascimento (2018, p. 1415) aponta:

Trata-se de uma estratégia usada contingencialmente para desqualificar vidas indígenas que, não correspondendo à identidade presa ao passado, deixam de ser indígenas e, a partir desta lógica, não têm legitimidade para demandar direitos culturalmente específicos, como o direito aos seus territórios, por exemplo.

CONCLUSÕES

A partir das referências bibliográficas estudadas até o momento e a observação inicial dos vídeos de divulgação dos raps indígenas, é possível compreender a importância do gênero musical rap para além do entretenimento, configurando-se como uma ferramenta de denúncia social e formação crítica. Especificamente no caso dos raps indígenas, representa também uma importante fonte de resistência cultural, reivindicação de direitos e até mesmo de preservação linguística, no caso de músicas que apresentam trechos ou mesmo sua totalidade na língua materna de seus intérpretes/autores. As produções se mostram, portanto, como bastante relevantes na literatura indígena como meio de combate ao preconceito, contribuindo para mostrar que os povos indígenas resistem e fazem parte de nossa sociedade, não se caracterizando como povos do passado. Também foi possível observar na publicação da música analisada no YouTube que a maioria dos comentários busca exaltar os grupos/rappers e a importância de seu trabalho, o que pode ser um indicativo dos resultados da implementação da lei nº 11.645/2008 e de que as atividades de representatividade social e política indígena concretizadas nos últimos anos têm representado um avanço no que se refere ao fortalecimento da política indigenista no Brasil, porém, que há ainda a veiculação de comentários que buscam descaracterizar a importância das reivindicações via rap por ser um estilo musical apropriado de outras culturas, o que indica a necessidade da manutenção e aplicação da referida lei para que continuamente a população reconheça, respeite e valorize a herança e a cultura indígena.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

G.M.R. cooperou com a seleção e análise inicial do repertório musical e dos comentários dos internautas. G.R.R.R e S.F.P.D.R contribuíram com a redação do trabalho e a revisão e aprofundamento da análise preliminar realizada pelo estudante bolsista. Todos os autores auxiliaram na revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (PIBIFSP) pelo apoio financeiro durante o desenvolvimento da pesquisa. Ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (NEABI IFSP) pelas incansáveis e necessárias discussões.

REFERÊNCIAS

BENTES, Anna Christina. Temáticas como estratégias discursivas de legitimação social em programas televisivos brasileiros. **Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 101-112, jan./jun. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Language & Symbolic Power**. Polity Press, Oxford OX4 1JF. UK, 1991.

BRASIL. Lei nº 11.654 de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União. Poder executivo, Brasília.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 ago. 2025.

DE GRANDE, Paula B. **O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em Linguística Aplicada**. Eletras, S/l., v. 23, n. 23, 2011. p.11-27.

DORRICO, Julie. A literatura indígena brasileira e as novas tecnologias da Memória: da tradição oral à escrita formal e à utilização de mídias digitais. **Littera Online**. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Maranhão, n.14, p. 113 -139, 2017.

FALCONE, Karina F. A. **(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social**. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPE. Recife, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: o reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

NASCIMENTO, André. M. do. "Se o índio for original": a negação da coetaneidade como condição para uma indianidade autêntica na mídia e nos estudos da linguagem no Brasil. In **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, n. 57.3, p. 1413-1442, set./dez. 2018.

O ÍNDIO É FORTE. Intérprete: Grupo Oz Guarani (Raper Xondaro, Mano Glowens, Para Mirim). Composição: Mano Glowens. São Paulo: YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iXIpDa28HQU>. Acesso em 16 ago. 2025.

QUEIROZ, Hikaro Diego S. A. **O rap de formação: Uma abordagem do narrado em Mano Brown**. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados em Literaturas em Língua Portuguesa). Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados em Literaturas em Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

SILVEIRA, Denise. T.; CÓRDOVA, Fernanda. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana. E.; SILVEIRA, Denise. T. (Org.) **Métodos de Pesquisa**. Rio Grande do Sul: Ed. Da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SCARAMUZZI, Igor Alexandre B. **De índios para índios: a escrita indígena da história**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

SILVA, Sofia R. A. **“Com a flecha engatilhada”: Rap e textualidades indígenas descolonizando as aulas de literatura**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários Aplicados). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre, 2017.